

# Ceilândia escolhe seu Conselho Regional

JORNAL DE BRASÍLIA

Tremendo sob o vento que a escultura de Niemeyer acentuava, os grupos dos movimentos comunitário e cultural se uniram

21 MAI 1991

MARIA DO ROSÁRIO CAETANO

O grande vilão, desta vez, no Seminário de Cultura de Ceilândia, foi o vento. Como as atividades tiveram o teatro (em forma de rampa) semi coberto como palco, não houve quem não reclamasse. O arquiteto Oscar Niemeyer, criador da Casa do Cantador, foi criticado por todos os participantes, que reclamaram da "falta de adaptação da obra à realidade climática da cidade". Afinal, Ceilândia situa-se numa região alta e descampada, onde venta muito. Como o teatro-rampa é aberto dos lados e tem no fundo uma grande fenda, o vento entrava com tal fúria, que a mesa coordenadora dos trabalhos se viu obrigada, com frequência, a apelar aos participantes — uma média diária de 80 pessoas — para que abandonassem o sol e voltassem ao recinto dos trabalhos. Não teve jeito: a maior parte dos seminaristas assistiu às palestras e discussões nos gramados que ladeiam o teatro-rampa.

Os conflitos entre lideranças culturais e lideranças comunitárias, que interromperam as atividades do Seminário de Cultura de Ceilândia, realizado em março no Centro de Educação para o Trabalho, desta vez não afloraram. É que, depois de dois meses de muitos desentendimentos, lideranças organizadas da área comunitária e lideranças culturais (nucleadas no Fórum de Cultura de Ceilândia) chegaram a um grande acordo em torno da composição do Conselho Regional de Cultura e de "um uso aberto e democrático" da Casa do Cantador.

**Dissidência** — No final da manhã de domingo, depois de debate em torno do documento *Bases de Edificação Cultural para o Distrito Federal*, apresentado pelo diretor de teatro, Chico Morbeck, um dos participantes do Seminário, Gil de la Rose, leu, em nome de "um grupo de artistas independentes de Ceilândia", documento onde ele e outros artistas se diziam sentir "à parte do entendimento" entre o Movimento Cultural e o Movimento Comunitário. "Não nos encaixamos em nenhum dos dois segmentos aqui representados", argumentou. A única pergunta dirigida ao porta-voz do grupo veio do próprio Morbeck: e quem são os integrantes deste Grupo? De la Rose enumerou os nomes de Anselmo Rodrigues, Luís Lobão, Francisco Aduino e Francisco Morozó.

Na parte da tarde, na hora de apresentação de chapas, um início de tumulto se formou. Francisco Morozó apresentou, em nome dos artistas independentes de Ceilândia, chapa para concorrer ao Conselho Regional de Cultura. Só que, ao invés dos 13 nomes necessários, dispunha de apenas seis (os dos cinco assinantes do Manifesto, mais o nome de Denis Ferreira). A mesa coordenadora dos trabalhos forneceu-lhe tempo para que completassem a chapa e solicitou ao artista plástico Anselmo Rodrigues, o mais conhecido da cidade, que optasse por uma das chapas, já que constava, também, da chapa apresentada de consenso entre o Movimento Cultural e Movimento Comunitário. Anselmo optou por esta.



O Conselho Regional de Ceilândia e o pacto de novos tempos para encontrar caminhos comuns de identidade e luta

Morozó tentou completar os cargos, mas não conseguiu. Uma terceira chapa inscrita retirou-se, pois grande parte dos nomes que a integravam já estavam colocados na "chapa de consenso".

Antes do início do processo eleitoral, Francisco Aduino, um dos "independentes", leu — ao microfone — documento onde protestava contra "a manipulação do processo, o jogo de cartas marcadas do Seminário e o acordo entre o Fórum de Cultura de Ceilândia e a Fenacrep (Federação Nacional das Associações de Cantadores Repentistas e Poetas Cordelistas)". Acusou estas instituições de "se unirem para usufruir de todas as verbas da Fundação Cultural alocadas pelo Projeto Arte Candanga".

Chico Morbeck respondeu a Aduino argumentando que, historicamente, "os grupos reunidos no Fórum de Cultura de Ceilândia — nove ao todo — sempre se posicionaram criticamente frente às políticas do Estado" e que promoveram reuniões abertas a todos os interessados, ao longo dos dois longos meses de entendimentos com o Movimento Comunitário, em parte, intermediados pelo Conselho de Cultura do DF.

Apesar da virulência das críticas e dos manifestos — o lido por Gil de la Rose e o lido por Francisco Aduino — os "independentes" não conseguiram articulação capaz de eleger nenhum de seus membros. Francis-

co Morozó (12 votos) e Aduino (dois votos) se candidataram a representante, mas foram derrotados por José Rodrigues Filho, o Zequinha, candidato do Movimento Comunitário (38 votos).

Vários dos grupos que integram o Fórum de Cultura de Ceilândia se posicionaram contra a eleição de representante de Ceilândia junto à SCE/FCDF. Por entendimento deles — que externaram sua posição em manifesto lido ao microfone — "este cargo pertence ao secretário de Cultura e Esporte, a quem caberia escolhê-lo". A proposta não foi votada. E, se fosse, seria derrotada, já que 52 dos 75 eleitores votaram num dos três candidatos. Os votos em branco — dos defensores do Manifesto — foram 19 (mais quatro nulos).

A chapa única que disputou os 13 cargos do Conselho Regional de Cultura foi eleita com 54 votos (é os outros 21 em branco). Ela tem composição paritária: metade de representantes do Movimento Cultural e metade do Movimento Comunitário (nesta parcela, se encaixam três "representantes do Governo" — o administrador regional Paulo Alceu; o titular da Diretoria Regional de Ensino, Antônio Roberto Reis, e o representante José Rodrigues Filho). Além de Paulo Alceu, Antônio Roberto e Zequinha, o Conselho reúne Lila Sardinha (artista plástica), Djaci Oliveira (do Grupo Mandaca-

ru), Luciene Silva (Acorda Ceilândia); Ari Barros (Ferroco), Anselmo Rodrigues (artista plástico); Jesseu Emerich (serigrafo); Finelina Pereira Rehen (cantora); José Eudes Ferreira (Bloco Gaviões Dourados), Antônio Leão do Amaral (animador cultural) e José Alves dos Santos (titulares). Damião Claudino, Ely Fernandes e Neci de Araújo são suplentes.

**Atropelos** — Desta vez, ao contrário da primeira, o Seminário de Cultura de Ceilândia contou com boa infra-estrutura. Foram servidas 100 refeições aos participantes (no refeitório da Casa do Cantador), cada credenciado (94 ao todo) recebeu pasta com a programação completa e regimento interno e foram obedecidas práticas democráticas como eleição de mesa coordenadora e mesa eleitoral. O que ficou a desejar foram a quantidade e qualidade dos debates. Só dois — um de economista e integrante do Instituto Aleijadinho, Paulo Roberto Guimarães (sobre o genérico tema *Estado e Cultura*) e outro de Chico Morbeck — foram programados. Os debatedores — só foram convocados deputados — não compareceram. Daí que não houve o risco da Casa do Cantador se transformar numa mini-sucursal parlamentar. O único deputado a comparecer foi Osório Adriano (PFL). Ele não estava, porém, interessado em debate. Daí que fez uma saudação aos participantes "desta festinha".

(confundiu-se, depois de ouvir os violeiros Jonas Andrade e Edmundo Soares apresentando um repente) e prometeu "não economizar esforço no sentido de apressar a construção do metrô". Os outros parlamentares convidados (com exceção do distrital Geraldo Magela, que mandou representante) não apareceram nem se justificaram (até os ceilandenses Chico Vigilante, Eurípedes Camargo e Fernando Naves faltaram aos debates. Idem para o líder do governo, Maurílio Silva).

Outra parte que não funcionou bem foi a das atrações culturais. A Banda CSM (Cegos, Surdos e Mudos) estava escalada para a abertura (ao lado do grupo instrumental Capi). Raí, um dos integrantes da CSM, assegurou ao **Jornal de Brasília** que a Banda "não foi convidada" para tocar no evento. "Estou aqui", arrematou, "porque vou participar do Seminário".

O Grupo de Capoeira da Guaribó, o Sem Pé Nem Cabeça, o Brincança e o Paraibola ocuparam espaços reservados ao horário de almoço e os fins de tarde, na hora do encerramento das atividades.

As reuniões dos Grupos de Trabalho também não funcionaram como estava previsto. Nenhum relatório (parcial ou resultado dos vários grupos) foi submetido à plenária, para aprovação e divulgação (a exemplo do que se fez em Planaltina, Taguatinga e Cruzeiro).

## Vila Planalto e Brazlândia

Brazlândia cumpriu, "sem traumas", a terceira e última etapa de seu Seminário de Cultura. A oposição — formada com Álvaro Moura, Waldenir Carvalho e Hernani Santos — não compareceu aos debates nem participou do processo que culminou com a eleição do Conselho Regional de Cultura.

Na manhã de ontem, a profes-

sora Raquel Moreira, representante da cidade junto à SCE/FCDF, garantiu que "tudo transcorreu normalmente". E, mesmo que os opositores não tenham comparecido, ela pautará sua atuação "pelo entendimento entre todos os segmentos da produção cultural da cidade".

O Conselho Regional de Cultura, em Brazlândia, forma-se com Carlos Pereira da Graça (veterinário), Álvaro Barbosa (professor), João Francisco Neto (engenheiro agrônomo), Jadilson Botelho (violonista), Marciano Pereira dos Santos (professor), Wilson de Deus (músi-

co), Aldane de Andrade (artista plástica), Zenaide Alves (artesã) e Ronaldo Mesquita (ator). Raquel Moreira é membro-nato (por sua condição de representante). Há, ainda, três vagas para indicações de representantes da Administração Regional, do CDS (Centro de Desenvolvimento Social) e da DRE (Diretoria Regional de Ensino).

**Vila Planalto** — A Vila promoveu, segundo o presidente de sua Associação de Moradores, João Roberto de Oliveira Silva, "um Seminário tranquilo e muito proveito-

so". Os Grupos de Trabalho deram origem a vários documentos, que serão sintetizados em relatório único a ser encaminhado à Secretaria de Cultura em nome dos interesses comunitários.

O diretor de promoções sociais da Associação de Moradores, Antônio Donizetti, foi eleito para o cargo de representante junto à SCE/FCDF. Ele é o coordenador da Marcenaria Comunitária da Vila. O Conselho Regional de Cultura será eleito dentro de 15 dias, na segunda etapa do Seminário (MRC).